



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN lisbon
july 15 august 17 1980
black & white paintings

Um tanto inesperada esta exposição de Vítor Pomar, exposição da pintura acontecida entre 77 e 80, nos últimos três anos, portanto, repartindo-se (ou convergindo) o pintor entre ela, a fotografia e o cinema. Inesperada, sobretudo, porque acontecida, porque há nela isso mesmo: o acontecer e o acontecimento. Acontecimento porque o é, esta sucessão de trinta e muitos quadros possuindo um registo pictural cujo epicentro não é europeu, nem no espírito nem na prática, nem mesmo sequer no seu voo dimensional. A referência será americana e a partir de Pollock, do gestualismo abstracto e automatizaste, de um espaço suficientemente amplo para o desenovelar do gesto. Vítor Pomar nesta sua sinalização cultural, bem marcada, vira costas a certos e vários formalismos europeus, decidindo-se antes por caminhos que, mesmo com o risco da escola identificável, propõe ainda uma reabilitação da pintura ou uma justificação interior da necessidade da pintura.

Por isso também o acontecer da pintura que faz me parece importante. Ela contém em si uma evidente necessidade de existir, diria como que uma necessidade de ser feita, irreprimível e inadiável. **É difícil insistir num gesto que, como marca de si próprio não seja auto-repetição mas, cada vez mais, um ritmo vital renascido no constante exercício de uma assumida liberdade. De quadro para quadro, Vítor Pomar vai sinalizando, dimensionando, a história acontecida desse gesto na multiplicidade dos gestos que vão organizando o plano da pintura. Plano este que não é a distanciarão vertical mas a absorção horizontal de todas as acentuações e vestígios sobre a tela, sem orientação cardial ou ilusionismo perspectívico. A sobreposição das camadas de tinta acusam mais uma perspectiva temporal, isto é, um percurso narrativo do gesto, que a perfuração espacial conduzindo o olhar do observador. São uma soma de tempos e de intenções e não uma organizada escala de planos, sucedendo-se para uma inteligibilidade cenográfica. O acto apaga o efeito. É o acto que conta, principalmente, por isso, poderíamos falar de autenticidade, isto é, da equivalência entre uma força em movimento e o seu registo directo.**

A única disciplina é o preto e branco e as suas passagens na mistura ou na sobreposição. O lado encantatório da cor, posto de parte, fica, assim, uma essencialidade que tem de ser vista. Uma forma de descarnar que torna a volição expressiva de certo modo mais pura e mais rigorosa na sua mecânica exposta. Mais de dentro do quadro, como queria Pollock, menos distraída na viagem. Uma das consequências conseguidas na pintura de Vítor Pomar é que, pelo domínio do involuntário e por via dessa disciplina, mantém a pintura interiorizada, confessional e ao mesmo tempo fá-la explodir na vasta dimensão da tela. É esta aparente contradição um dos valores significativos destes quadros. Menos espectáculo que confissão, é na condição do espectáculo, porém, que o confessional se exterioriza. Sem recurso propriamente a uma escrita (a sua mancha é mais corpo em si que sinal figurado) Vítor Pomar faz de um discurso plástico automático, nascido à medida do quadro, a razão deste. Neste sentido, justifica a intencionalidade, a persistência da pintura e também o seu crédito e necessidade. Por isso, a também sua exposição é inesperada e o pintor, esse, bem-vindo pelo que trás e nos dá.

F. A.

Fernando Azevedo, Colóquio Artes nr 46 2ª série 1980, paga 68-69